

Riqueza Extrema, Pobreza Extrema.

ALEX BRITO
Professor Associado da UFMA, (as.brito@ufma.br).

Que a pobreza e a desigualdade sempre estiveram presentes por aqui, não há dúvida. Que os últimos anos foram especialmente penosos para quase todos, também parece um fato incontestável, mas como poderíamos imaginar que a pandemia do COVID-19, que dilacerou direta e indiretamente, a vida da população mundial, que mudou comportamentos, opiniões e que trouxe a perspectiva do fim tão próximo a todos nós, pudesse, ainda, piorar aquilo que historicamente sempre foi ruim? O COVID-19 trouxe a reboque uma outra pandemia, a da desigualdade e pobreza.

Dados informados pelo último relatório da OXFAM são, para dizer o mínimo, impressionantes! Há hoje no mundo 573 bilionários (62 só do ramo dos alimentos) e mais do que havia no início de 2020, quando começou a pandemia. A riqueza desses e dos demais aumentou 42% durante a pandemia, o que representa, hoje, 14% do PIB global, acima dos 4,4% que representava no ano 2000. Para ter claro o que é a riqueza extrema, basta entender que se o Elon Musk, o homem mais rico do mundo perdesse, hoje, 99% de sua imensa fortuna, ainda estaria entre os 0,0001% dos mais ricos do mundo! E apenas para constar: seu patrimônio aumentou 700% desde 2019.

Não há dúvidas: a pandemia foi o melhor negócio para uma parcela muito pequena de super ricos que comandam a produção de alimentos, a energia, os fármacos e a tecnologia. No caso dos alimentos, segundo o mesmo relatório, citado acima, a pandemia possibilitou o maior lucro da história da CARGILL, uma das maiores empresas de alimentos do mundo. A empresa gerou quase US\$ 5 bilhões em lucro líquido e pagou US\$1,13 bilhão em dividendos em 2021 (nunca havia feito isso antes). O maior acionista, James Cargill aumentou sua fortuna em quase US\$20 milhões por dia desde o início da pandemia do COVID-19. E não foi só ele: a fortuna dos bilionários aumentou nos últimos 24 meses, o equivalente a 23 anos!

O resultado dessa conta, literalmente macabra, é o crescimento da pobreza extrema para até 263 milhões de pessoas e o retrocesso de décadas de um gradual processo de mitigação das mazelas sociais que afetavam milhares de pessoas. Retrocesso dos parcos e tímidos resultados de inclusão social que alguns países obtiveram, inclusive o Brasil.

As razões do aprofundamento da pobreza despensa comentário, ela é velha conhecida de todos nós. Contudo, a pandemia, especialmente, pelos impactos das medidas restritivas e das políticas de "sustentação do emprego e da renda" que impuseram um teto ao valor dos benefícios, bem como a destruição de milhares de postos de trabalho de baixa remuneração, nivelaram por baixo, o rendimento médio da maioria dos trabalhadores, promovendo uma perversa "redução" da desigualdade. Isso sem falar na expansão da informalidade e do impacto de gênero que retirou milhões de mulheres do mercado de trabalho, fazendo a renda familiar cair. De qualquer forma, é indiscutível que a riqueza extrema de uns promoveu a pobreza extrema de outros.

Mas como isso aconteceu? Além dos fatores conjunturais como os choques de commodities e, mais recentemente, a situação beligerante no leste europeu, esse resultado escandaloso é fruto imediato das políticas econômicas que os Estados Nacionais impuseram para enfrentar a pandemia do coronavírus. A injeção de trilhões de dólares pelos Bancos Centrais para evitar o colapso econômico favoreceu o aumento do preço de muitos ativos produzindo o chamado "efeito riqueza" e ampliando o patrimônio das classes proprietárias de ativos

No Maranhão, a pobreza permanece incólume. Os resultados de um estudo da FGV Social apontaram que 14 estados da federação já têm mais de 40% da população na pobreza e em quatro, o percentual ultrapassa 50%.

Sem nenhuma novidade, nosso estado é o primeiro da lista, com pouco menos de 58% da população na pobreza. E mais, dos 146 estratos geográficos investigados pelo estudo, as regiões de maior incidência da pobreza com cerca de 73% da população na pobreza, foram o Litoral e a Baixada Maranhense.

Muita gente acredita, ainda, que a produção de riqueza não é uma soma zero, onde para alguém ganhar o outro precisa perder. Essa ideia é particularmente forte entre os economistas. Bom, pode até não ser assim, mas não dá para supor que o que está acontecendo nesses penosos anos é apenas uma mera coincidência, onde a extrema riqueza de alguns poucos aprofunda a pobreza de uma ampla maioria. Definitivamente isso não é um resultado das escolhas que fazemos, se o fosse, seríamos algozes de nós mesmos?